



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

SANDRA MARIA LIMA

(depoimento)

2015

FICHA TÉCNICA

| |
|---|
| ENTREVISTA CEDIDA PARA PUBLICAÇÃO NO REPOSITÓRIO DIGITAL DO CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE |
|---|

Entrevistada: Sandra Maria Lima

Entrevistador: Marcelo Luís Ribeiro Silva Tavares

Local da entrevista: Padaria Nosso Pão, Teresópolis, Rio de Janeiro, RJ

Data da entrevista: 11/10/2014

Processamento da Entrevista: Marcelo Luís Ribeiro Silva Tavares

Páginas Digitadas: 17 páginas

Número da entrevista: E-560

Data da autorização para publicação no Repositório: 11/10/2014

Revisão para inserção no Repositório: Isabela Lisboa Berté e Silvana Vilodre Goellner

Informações complementares:

Observações:

Entrevista realizada para a produção da Dissertação de Mestrado de Marcelo Luís Ribeiro Silva Tavares intitulada *Mulheres em Manchete: a potência da geração de voleibol dos anos 1980* apresentada no Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Juiz de Fora em maio de 2015.

| |
|--|
| O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada. |
|--|

SUMÁRIO

Iniciação no esporte; Trajetória esportiva; Geração do vôlei da década de 1980; Apoio da família; Articulação entre carreira e vida pessoal; Percepções em torno do corpo atlético; Rotina de treinamento; Diferenças entre o vôlei masculino e feminino; Influência da geração de 1980 para o vôlei brasileiro; Legado do vôlei na sua vida.

M.T. – Sandra, o que te levou ao voleibol?

S.L. – A minha família toda, os meus irmãos jogavam e o meu pai jogava voleibol, então foi isso que me levou a jogar, os meus irmãos mais velhos. Eu era a mais nova e todos eles saiam pra treinar e nessa eu fui junto. Eles pararam e eu continuei.

M.T. – E você teve contato com alguma outra prática esportiva antes de escolher o voleibol?

S.L. – Na escola eu tinha a prática de todas as atividades, inclusive olimpíadas. Eu jogava todas as modalidades, mas o voleibol pra mim sempre foi o mais interessante, mas eu tive prática dentro da escola sim. Antigamente acontecia muito nas escolas, a gente tinha esse bom hábito de praticar todas as atividades. Hoje em dia já é uma coisa mais específica. Então foi dentro da escola que eu me interessei pelo voleibol.

M.T. – E quando que você começou a jogar e por qual clube?

S.L. – Eu comecei a jogar, assim a pegar, a brincar com a bola, já que eu acompanhava meus irmãos mais velhos e o meu pai, com sete anos. Então, eu ia para o ginásio e ficava brincando com a bola na parede, entendeu? Então, foi ai que eu comecei [risos]. Mas, federada mesmo foi com doze anos. Na época, eu sou de Maceió, eu jogava em Maceió. Então foi no Iate Clube Pajussara, que meu pai era como dono desse clube que começou tudo isso. Mas federada mesmo foi no Clube de Regatas Brasil, o CRB de Alagoas que eu comecei a minha carreira mesmo.

M.T. – Com quem você começou a jogar voleibol?

S.L. – Tadinho, né? [risos]. O nome dele era Tenente Madalena. Era ele que pegava as crianças, que ensinava. Então ai, o Tenente Madalena era da época do Iate Clube. Depois que eu passei pro CRB quem começou comigo junto foi o Toroca, que hoje em dia é o Valter Laranjeiras, o presidente da CBV.

M.T. – E como era ser jogadora de voleibol na década de oitenta, Sandra?

S.L. – Era difícil, era muito difícil. A gente tinha que ter ajuda da família, tinha que ter ajuda de todo mundo. O próprio Toroca era uma pessoa, sempre foi uma pessoa que me deu muito incentivo. Ele ajudava a gente em tudo porque ele gosta, ele ama o voleibol. Você vê que ele hoje está aí na frente da CBV. Então era muito difícil, a gente não tinha as facilidades que tem hoje. Eu acho que a gente, essa nossa geração de oitenta foi que realmente deu o pontapé para o que está acontecendo hoje e isso é uma coisa que infelizmente não é reconhecida.

M.T. – Eu gostaria que você descrevesse a sua trajetória esportiva desde o começo até o momento de você ter decidido parar de jogar.

S.L. – [risos] Vai levar o dia inteiro, meu Deus do céu [risos]. Bem, eu comecei em Maceió, aos sete anos e comecei a participar de campeonatos brasileiros a partir dos doze anos. Fui convocada pela primeira vez pra uma seleção brasileira com quinze anos pra participar de seleção juvenil, infantil, porque antigamente era assim: infantil, juvenil, adulto. Agora já tem outra categoria, então eu comecei a ser convocada mesmo morando em Maceió. Eu ficava praticamente meu ano inteiro no Rio, porque a seleção sempre ficava no Rio. Então, eu continuava jogando pelo CRB e sendo convocada para a seleção. Depois que surgiu a Supergasbrás, que foi a minha primeira equipe quando eu saí de Maceió para morar no Rio de Janeiro. Sai de Maceió e comecei a morar no Rio e assim ficou mais fácil com relação ao clube porque eu já estava no Rio. Antigamente, como eu era de Maceió, ficava naquela coisa de acabar a seleção ter que voltar para Maceió para jogar pelo CRB. Então, depois que eu fui para o Rio para jogar na Supergasbrás, as coisas facilitaram em relação a isso e eu fiquei na Supergasbrás durante sete anos, do início ao final. Eu e a Vera fomos as duas únicas que iniciamos e fechamos a Supergasbrás, de 1983 a 1990, na época o Ary Graça era um dos diretores e o Enio Figueiredo era o nosso técnico. Também na época era o técnico da seleção, então assim a gente estava sempre todo mundo junto e isso foi uma coisa assim, para mim, muito gratificante porque eu tinha o meu técnico do clube sendo o mesmo técnico da seleção. Não eram pessoas que a gente encontrava de vez em quando. Então a gente tinha ajuda toda vez que precisava ainda mais eu, que estava saindo de Maceió para morar no Rio com duas, três garotas, todo mundo ainda de menor. Foi uma coisa complicada eu sair de Maceió e vir morar no Rio. A minha mãe teve que ir, a Supergasbrás pegou minha mãe e levou pra ver onde é que eu ia morar, entendeu? Aí, eu fiquei esse período na Supergasbrás, mas quando acabou teve muita gente desempregada. Foi uma fase muito ruim porque as empresas não

queriam investir. Foi um período meio difícil. Aí o Ajuz, que agora trabalha no Comitê Olímpico Brasileiro (COB) conseguiu formar uma equipe que se chamou Armazém das Fábricas e essa equipe foi mais assim pra dar um sustento pra esse pessoal que estava desempregado e, por incrível que pareça, atletas de seleção brasileira. Essa equipe durou apenas um ano. Depois, o Marco Aurélio tentou montar uma equipe para aproveitar as jogadoras, mas não conseguiu porque rolava aquela ideia de que jogadora de seleção ganhava muito dinheiro e as equipes não tinham condições de pagar. Então, teve uma época que a gente foi chamada de descamisadas porque ninguém queria pagar o salário que a gente teria direito, um salário que a gente estava conquistando. E aí surgiu o time da Rioforte, que na época era o Marcão, o Tabache, que hoje em dia é auxiliar do Bernardinho e o Zé Inácio que era nosso preparador físico e que também faz parte da comissão do Bernardinho. Eu fiquei durante vários anos na Rioforte, que também era uma equipe do Rio, então a minha base continuava a mesma porque depois que eu sai de Maceió eu fiquei no Rio de Janeiro praticamente o tempo inteiro e isso pra mim era fácil. Depois que a Rioforte acabou, não teve mais time no Rio e aí eu tive que sair do Rio de Janeiro porque agora só tinha time em Minas ou São Paulo. Antigamente o foco do vôlei era todo no Rio de Janeiro, quando as equipes começaram, né? Lufkin, Supergasbrás, Rioforte, Bradesco. Então, eu tive que ir para São Paulo e aí eu fiquei três anos lá. A minha primeira equipe lá foi o BCN, que na época era no Guarujá e foi o Enio Figueiredo que me levou pra lá, entendeu? Então eu fiquei um ano no BCN do Guarujá e depois o BCN passou pra Osasco. Eu também joguei um ano no Solo Tietê, que o técnico na época era o Cacá Bizocchi, sempre com pessoas que estavam envolvidas com o núcleo do voleibol. Depois, me deixa tentar lembrar porque é difícil... [risos].

M.T. – Mas quando que você começou a jogar na posição de libero?

S.L. – O libero? Aí teve uma parada, eu fiquei fora da seleção porque eu já estava na seleção durante muitos anos e eu precisava descansar porque era aquela coisa: “sai do clube, seleção. Sai da seleção, clube”. Então, eu não tinha férias, eu não tinha nada e quando tinha era assim dez dias que eu ia a Maceió, visitava a minha família correndo no final de semana e já voltava para a seleção. Mas, o líbero? Então, eu fiquei um período fora da seleção porque eu falei que precisava descansar. Depois, alguns técnicos que entraram na seleção acabaram tendo algum tipo de atrito comigo e eu fiquei fora da seleção. Quando o Bernardo, o Bernardinho, entrou

logo depois, não sei quantos anos depois, cerca de dois ou três anos depois que ele já tinha assumido, ele me chamou de volta pra seleção. Eu estava até viajando, estava nos Estados Unidos de férias já que eu finalmente podia ter férias [risos] e aí eu tive que voltar das férias porque ele tinha me convocado. A geração estava totalmente modificada, praticamente todo mundo da minha geração já tinha parado e eu continuava. Apesar de ser jogadora de meio de rede, ele me chamou dessa vez, para fazer a especialização de fundo de quadra porque durante vários campeonatos brasileiros eu sempre fui escolhida a melhor defesa e era difícil uma jogadora de meio ter destaque nesse fundamento. Mas, naquela época a gente tinha que saber fazer tudo, passar, levantar, atacar, apesar de não ser a maioria que fazia tudo, a gente treinava tudo. Enfim, por três anos consecutivos eu fui eleita a melhor defesa, entendeu? Então, ele me chamou porque ele achou que na seleção faltava essa atleta que fizesse o fundo de quadra e eu aceitei. Foi um desafio porque eu já não queria mais voltar pra seleção, achava que o meu ciclo de seleção já havia acabado, mas eu aceitei o desafio. Eu falei: “Se ele tá acreditando em mim, eu vou”. E foi maravilhoso porque eu pude ajudar com a minha experiência uma nova geração que estava ali começando. Para mim foi muito gratificante, eu tive o total apoio do Bernardo e de toda comissão. Então, eu sentia a confiança que ele tinha em mim e isso fez com que eu desenvolvesse meu trabalho tranquilamente e fiquei só fazendo isso até a Olimpíada de Atlanta, em noventa e seis. Eu fazia a função de fundo de quadra, mas quando ele precisava de jogadora de meio com habilidade, com rapidez, ele me botava nos treinamentos. Quando treinava as meninas para jogar contra a China, Japão, Coréia ele botava a Sandra na rede porque eu possuía características parecidas com as das orientais. Então eu fazia e eu ainda brincava com ele: “Agora eu tô subindo pra fazer meio, né? Agora eu não sou mais fundo de quadra não, né?” Ele falava: “Não, é porque você é parecida com as chinesas e japonesas, então você tem que ficar aí”. E aí até noventa e seis eu só entrava pra fazer o fundo de quadra. E aí, no Grand Prix seguinte, depois da Olimpíada surgiu essa função de líbero. Primeiro surgiu como experiência e depois é que foi aprovada. O Bernardo me chamou e falou: “Olha, você é a que vai fazer pelo Brasil a experiência de líbero”. Então, eu fui a primeira líbero do Brasil. Depois da experiência ter sido bem sucedida, a Federação Internacional instituiu a função e todos os países começaram a contar com uma líbero nas equipes. Na época só tinha uma e hoje já tem duas, uma especialista em passe e outra especialista em defesa. Mas, geralmente executam bem os dois fundamentos. Na minha época era uma só e se eu me machucasse ferrou. Eu lembro que no Grand Prix eu tive que jogar machucada, com a perna toda ferrada porque não tinha ninguém, entendeu? Foi o Grand Prix

depois da Olimpíada de noventa e seis, que teve a confusão com as cubanas. Em noventa e sete teve a briga de novo contra as cubanas e não sei quantas foram expulsas e a gente ficou com as seis titulares que estavam na equipe, eu como a libero e a Fofão que estava no banco de reservas [risos]. Porque as outras... Ana Moser não tinha mais condições porque estava com o joelho muito ruim, então ela treinava, treinava e às vezes jogava um jogo, ou seja, não podia jogar e as outras foram todas suspensas pela Federação Internacional por conta da briga com as cubanas. Então era aquela coisa... Mas, quando essa função foi criada, eu adorei porque eu pude jogar mais tempo. Se eu continuasse jogando pelo meio já teria que ter parado há muito tempo porque a média de altura das jogadoras de meio subiu demais, para mim já estava ficando difícil jogar como atacante. Portanto, pra mim foi ótimo porque eu pude dar continuidade a minha profissão, aquilo que eu gosto e sei fazer de melhor, né? Além disso, eu fui uma atleta que graças a Deus não tive muita lesão, sempre fui uma atleta que me cuidei muito. Mesmo na época de férias, tanto da seleção quanto do clube, eu me cuidava, fazia o dever de casa. Os preparadores da seleção tinham a preocupação que a gente não voltasse muito zerada, então eu sempre fazia como faço até hoje, ou seja, eu parei, mas continuo malhando, continuo correndo. Depois desse Grand Prix, quando eu voltei para o Brasil eu comecei a jogar pelo Vasco, que foi aonde eu encerrei minha carreira. E foi no Vasco que aconteceram vários problemas porque eu não recebi salário, fechei contrato com algumas exclusividades e o Vasco também não cumpriu e eu fui obrigada, infelizmente a tomar uma atitude que eu não queria tomar, eu falei: “Ou me pagam ou me pagam”. Dei uns três meses para que eles me pagassem as premiações dos torneios e campeonatos que a gente tinha participado e dos salários que estavam em atraso senão eu estaria parando no meio da Superliga, que era em dezembro. Eu sempre falava com o Eurico e ele condicionava à grana que viria da venda do Edmundo. Eu sei que entrava dinheiro e saía dinheiro e a gente continuava sem receber nada, então quando chegou o meu prazo e eles não me pagaram nada, eu realmente encerrei. Além do mais, nessa época do Vasco eu tinha tido o Caio, meu primeiro filho e estava naquela situação de sair para treinar deixando um bebê em casa com a babá, quer dizer estava fazendo um esforço para fazer aquilo que eu gostava. Mas eu também queria ser mãe. Conciliar as duas coisas é muito difícil. É uma coisa muito complicada a gente ser mãe e continuar na carreira que a gente tem, porque o voleibol como eu sempre joguei exige muito da gente, não é uma brincadeira. Então, depois que eu tive o Caio, eu ainda voltei para a seleção para treinar para a Olimpíada, mas terminou que eu não fui. Então, o Vasco não pagou e eu decidi não deixar o meu filho em casa para trabalhar sem receber. Em dezembro

eu tomei a decisão de parar e entrei na justiça. Fui a primeira a entrar na justiça contra o Vasco. As meninas e a própria Isabel, que era a técnica reclamaram demais: “Pôxa, você não podia ter largado a gente no meio de um campeonato”, mas naquela época, em 2000, a gente já estava começando a ter dois líberos e a Fabi estava lá para me substituir. Foi dali que ela despontou e ficou na seleção por tantos anos. Quanto ao Vasco, eu entrei realmente na justiça, foi difícil de receber, mas eu recebi. Na época era o Flamengo e o Vasco que possuíam equipes muito bem montadas no Rio. O Flamengo até me chamou, mas eu tinha certeza que aconteceria a mesma coisa. No final, os dois times acabaram e foi ali que eu encerrei a minha carreira. Depois todas as jogadoras do Vasco entraram na justiça, mas não sei se receberam. Eu recebi tudo que o Vasco me devia.

M.T. – E Sandra por quais clubes você jogou? Sei que você já falou ao longo da entrevista, mas retoma pra mim quais foram os clubes?

S.L. – Eu comecei pelo Iate Clube Pajussara, depois o CRB de Alagoas, em seguida a Supergasbrás, Armazém das Fábricas, Rioforte, BCN, Solo Tietê e Vasco.

M.T. – E quais pessoas foram importantes ao longo da sua trajetória para a consolidação da tua carreira?

S.L. – Ah, foram muitas [risos]. Em primeiro lugar minha família que se não tivesse do meu lado eu não teria conseguido chegar aonde eu cheguei. Minha mãe, meus pais que me deixaram sair de Maceió tão nova... Então primeiro lugar foram eles e aí acho que todos os técnicos com quem eu joguei, acho que cada um contribuiu para que a Sandra chegasse aonde ela chegou. Tenente Madalena, outro técnico que veio antes do Toroca, lá do CRB. O Reinaldo, depois veio o Toroca que foi muito importante, foi com ele que eu surgi para o cenário brasileiro. O Enio Figueiredo que foi quem me trouxe pro Rio de Janeiro e que também foi uma pessoa super importante. Aí teve o Jorjão, trabalhei com Jorjão, trabalhei com Marco Aurélio, Bernardinho que também pra mim foi excepcional... Eu passei pela mão dos melhores técnicos do Brasil. Cacá Bizocchi, que também trabalhei com ele. Eu acho que graças a Deus eu tive muita sorte de trabalhar com os melhores técnicos. Não tive assim o prazer de trabalhar com o Zé, que foi o único que eu não trabalhei e eu gostaria de ter trabalhado, o Zé Roberto, porque ele era na época até mais do masculino depois que ele

começou no feminino e eu praticamente já estava parando. Ele foi a única tristeza que eu tenho de não ter passado por ele. Mas acho que esses técnicos que eu passei cada um contribuiu um pouquinho para que eu chegasse aonde eu cheguei.

M.T. – Como que foi a participação da família ao longo da tua trajetória?

S.L. – Ah, foi essencial. Acho que a gente quando tem família do lado em qualquer profissão eu acho que é super importante. Minha família sempre, do pai até sobrinhos, irmãos, tios... Eu tive um tio que não está mais aqui, infelizmente faleceu que ele era assim fã número um. Ele e a esposa assistiam aos jogos de vôlei por minha causa. Ela mesma falou: “Você me deixou viciada”. Até hoje ela continua assistindo os jogos e esse meu tio foi muito importante pra mim porque minha mãe estava com medo de me deixar ir pro Rio e ele disse: “Ela tem que ir embora daqui, ela não pode ficar em Maceió porque aqui ela não vai evoluir”. Por mais que o Toroca me ajudasse eu precisava estar no Rio, então foi ele que convenceu a minha mãe e meu pai e de lá eu deslanchei. Então eu acho que família pra mim é tudo e foi tudo na minha profissão.

M.T. – E no voleibol quais os principais fatos ocorridos na década de oitenta que você considera importante?

S.L. – Sempre foi nossa luta pra que a gente fosse reconhecida. Como você mesmo falou, na CBV não tem nada da era Nuzman, que foi a minha era. Não tem nada comprovado, não tem histórico, não tem nada. Você chega lá e tudo que você encontra é do Ari, entendeu? Você entra na CBV e tem foto de tudo, mas não tem nenhuma foto da geração de oitenta. Então eu acho que sempre foi a nossa luta. A própria Jackie, a própria Isabel sempre tentando fazer com que as coisas caminhassem de outra forma, com outro reconhecimento. A gente colocou a camisa ao contrário e aquilo foi um protesto porque a gente não era reconhecida, então eu acho que isso aí foi que ficou marcado. O que acontece hoje é produto do nosso trabalho.

M.T. – Você elencou alguns fatos que aconteceram em oitenta pra que a geração tivesse esse destaque e qual desses fatos você considera o mais importante?

S.L. – Eu acho que foi essa virada de camisa eu acho porque essa virada de camisa foi uma coisa que ninguém conseguiu esquecer até hoje, né?

M.T. – Me conta como era antes dessa virada de camisa? Vocês entravam na seleção ficavam na seleção, vestiam o uniforme com patrocínio e não recebiam nada? E a partir daí? O que aconteceu?

S.L. – A partir daí a gente começou a receber alguma coisa. Não era nada assim grandioso que pudesse te sustentar pro resto da vida, mas já era um reconhecimento daquilo que a gente fazia, porque era uma briga e acho que continua até hoje dos clubes com a seleção. Os clubes te contratam e te pagam durante um ano. Você vai pra seleção e eles continuam pagando, então os clubes tentaram dar uma virada nisso: “Enquanto você estivesse servindo à seleção, a CBV teria que pagar”. Só que a CBV nunca fez isso e os clubes continuavam pagando, então a gente servia a seleção, por exemplo, dez meses e dois meses ao clube e o clube pagava o ano inteiro e os clubes sempre foram contra isso, sempre tentaram mudar e nunca conseguiram. Com relação a essa virada de camisa a gente falava: “Pô, a gente chega à seleção, coloca o uniforme do patrocinador, faz tudo pra CBV e não recebe nada?” Então foi daí que surgiu essa “não, vamos fazer um protesto, vamos começar a virar a camisa e aí vai ter uma foto”. Na época era Olympikus e aí juntava todo mundo e na hora que o cara ia bater a foto ninguém olhava, virava a cabeça. Isso já era uma coisa combinada entre a gente “na hora que bater ninguém olha” e aí a CBV foi começando a ficar irritada com isso porque a gente não fazia o que eles queriam.

M.T. – E isso foi depois da Jackie ter saído?

S.L. – Não, foi quando a Jackie ainda estava. A Jackie saiu exatamente por causa disso porque na realidade foi ela quem encabeçou o negócio, só que no vôlei é uma coisa que acontece, até hoje. Outro dia teve o encontro nacional do vôlei e foi muito legal, estavam as mais antigas porque as mais novas ninguém foi só a Fernanda que apareceu então só a gente continua né? Eu acho que tinha que ser mais unida. Mas naquela época quando a Jackie propôs a virada só metade concordou e eu acho assim “vamos fechar, vamos fechar” e naquela época umas fecharam com a Jackie e outras não fecharam com a Jackie, você tá entendendo? Então tinha sempre essa desunião e por isso que ela terminou, acabou sendo desligada porque foi ela

quem encabeçou o negócio. Felizmente, ela encabeçou uma coisa que deu certo porque foi a partir dali que começou a ter uma valorização. Pouca, mas teve.

M.T. – Qual episódio ou quais episódios marcaram a sua carreira na década de oitenta?

S.L. – Não tem o episódio, acho que durante toda a minha carreira, acho que todo ano acontecia sempre alguma coisa muito importante pra mim. Ser eleita melhor isso, ser eleita melhor aquilo. Claro, minha primeira Olimpíada isso ai ninguém esquece uma atleta que foi convocada pra Olimpíada não vai esquecer. Minha primeira foi Los Angeles, em 1984, um episódio bem marcante. Mas assim eu acho que na minha carreira eu posso dizer que todo ano aconteciam coisas marcantes porque graças a Deus eu tive uma carreira vitoriosa. Pode não ter sido vitoriosa assim: “Ah, não ganhou medalha de ouro na Olimpíada”. Mas teve o Campeonato Sul-Americano que a gente não ganhava do Peru há muitos anos, eu estava lá. Eu era novinha naquela época ali, eu era reserva, era outra geração que estava ali, mas eu já estava entrando naquela geração. Eu peguei a geração de Célia, imagina? Heloísa, Fernanda Emerick, Eliana Aleixo, então eu peguei essa geração, então essas ai foram coisas que realmente marcaram.

M.T. – E quais as principais dificuldades que você enfrentou no esporte na década de oitenta?

S.L. – A dificuldade era total. Claro que a gente começou a ter os incentivos dos clubes, das empresas que foi aonde tudo começou a melhorar, mas a gente tinha muita dificuldade até mesmo com a própria CBV porque tudo era masculino. O feminino era o que sobrava e isso era uma coisa que a gente reclamava muito. Tudo bem que o masculino conseguia resultados expressivos, tudo isso, mas a gente treinava, a gente procurava melhorar, a gente corria atrás da mesma maneira que eles só que lá do outro lado tinha uma Cuba, tinha um Peru que todo mundo sabe como era, tinha China, Estados Unidos. Naquela época essas seleções eram fortíssimas. Então a gente sempre lutou, mas treinava igual a eles. Então era essa dificuldade que a gente sempre teve. Não estou dizendo nas empresas, nos clubes porque eles começaram a investir na gente, mas com relação à CBV. O feminino sempre esteve atrás e era uma coisa que a gente sempre tentava buscar, uma igualdade com o masculino.

M.T. – O que o voleibol trouxe de positivo pra tua vida Sandra?

S.L. – Ah, trouxe tudo. Eu acho que é o que eu sempre tento passar para as minhas crianças: disciplina, humildade, respeito, educação. Eu acho que o voleibol trouxe tudo isso e é o que eu tento passar pros meus filhos também: responsabilidade. Eu falo pra eles: “Vocês têm que ter compromisso”. Se vocês assumiram um compromisso vocês têm que cumprir. Respeitar horários é fundamental e o meu filho mais velho reclama: “Pô, mãe vou te contar, você não deixa chegar um minuto atrasado”. Não deixo mesmo, a vida da sua mãe sempre foi assim e eu quero que vocês sejam assim: “Se vocês assumiram um compromisso no horário, vocês têm que ter a responsabilidade de estar lá no horário”. O voleibol me deixou isso e eu acho que o esporte quando é bem direcionado, te leva a ser alguém lá na frente.

M.T. – O que significava pra você ser jogadora da seleção brasileira?

S.L. – Ah, qual é a atleta que não quer ser jogadora da seleção brasileira? Desde que eu comecei a jogar que eu botei na minha cabeça que seria jogadora de vôlei e almejava chegar à seleção brasileira. Eu sempre fui muito determinada, eu sempre fui muito disciplinada, graças a Deus meus pais me educaram dessa maneira e todos os meus irmãos são da mesma forma: “Com dedicação, com disciplina, com responsabilidade”. Então, ser jogadora de seleção brasileira para mim era tudo, tudo.

M.T. – E como jogadora de seleção brasileira o que você almejava?

S.L. – Almejava ir pra uma Olimpíada, que é a primeira coisa que a gente foca quando chega a uma seleção brasileira. Desde pequena eu falava: “Mãe, eu vou ser da seleção brasileira”. E quando eu fui convocada eu falei: “Não disse que eu ia para a seleção brasileira?”. Minha mãe dizia: “Você não tem jeito”. Eu sou assim, quando eu quero alguma coisa, quando eu falo que eu vou conseguir eu vou conseguir.

M.T. – Você acabou indo pra quantas Olimpíadas?

S.L. – Eu fui pra três Olimpíadas. Eu acho que para uma jogadora a primeira coisa do vôlei é ir pra uma Olimpíada, que é a copa do mundo do vôlei. Existem outros torneios como Panamericano, Sul Americano e Mundial, mas a Olimpíada é a copa do mundo, então uma atleta olímpica é uma atleta olímpica, ainda mais com medalha. Infelizmente a gente mora

num país que não dá muita importância a isso, mas algumas pessoas sabem reconhecer. Outras, infelizmente, não dão valor a isso.

M.T. – O que representou pra você participar dos Jogos Olímpicos?

S.L. – Ah, uma realização, ainda mais que eu participei de três. Se eu fosse pra Sidney eu seria a primeira mulher a participar de quatro Olimpíadas, mas infelizmente esse foi um sonho que eu não consegui realizar. Nem por isso me senti derrotada, de jeito nenhum. Eu tentei, mas não deu. Tinha acabado de ter filho, aquela coisa toda, mas foi uma realização.

M.T. – Mas foi a primeira libero, não é Sandra?

S.L. – É fui a primeira libero, exatamente. Então é o que eu falo a você algumas coisas não aconteceram da maneira que eu queria, mas eu acho que eu tenho mais coisas positivas que negativas na minha carreira.

M.T. – E como foi pra você conciliar as demandas do voleibol com a tua vida pessoal?

S.L. – [risos] Foi difícil, muito difícil porque é o que eu falo: “Quem quer chegar aonde eu cheguei, onde todas nós conseguimos chegar a gente abre mão de muita coisa, a gente abre mão praticamente de tudo”. Por isso que eu fui ter meu filho muito tarde, exatamente pra que eu pudesse me dedicar a minha profissão que sempre foi prioridade para mim. É difícil você conciliar sua vida profissional com sua a sua vida pessoal. Hoje em dia, eu trabalhando direto com dois filhos, eu passo o dia inteiro dando treino aqui, dando treino ali, cada hora num lugar e é difícil, é complicado. Então a gente tem que saber realmente conciliar, tem que se esforçar porque senão não consegue porque é muito difícil. Mas como a minha vida inteira foi voleibol, então eu graças a Deus consigo conciliar essas duas coisas, mas é complicado.

M.T. – Como que você percebia o olhar do outro sobre o seu corpo atlético?

S.L. – Olha [risos] posso dizer sinceramente? Era uma coisa que eu não me preocupava porque eu sempre fui uma jogadora que quando eu entrava na quadra eu entrava focada. Tem muitas atletas que se arrumam se enfeitam e eu compreendo porque somos femininas, mas no

meu caso eu ia para o ginásio focada e nem prestava atenção em quem estava assistindo, quem estava na arquibancada, quem tinha chegado. Talvez por isso as pessoas falassem: “A Sandra joga pra equipe, ela não joga pra aparecer”. Porque tinham algumas jogadoras que precisavam atacar, a bola tinha que ser para ela. Por mim, eu podia passar na rede sem receber bola, porque jogadora de meio você sabe como é... Eu me preocupava em passar direito e se não recebesse bola, nem por isso deixava de fazer as outras funções que eu teria de fazer dentro da quadra. Então foi uma coisa que eu nunca me preocupei. Claro que eu sabia que tinha um corpo legal, que todo mundo falava, mas não era uma coisa que me preocupava porque quando eu entrava na quadra eu entrava focada no meu jogo.

M.T. – Como era a rotina de treinamentos na seleção? Eu queria que você me falasse um pouco de lesão, superação, disciplina?

S.L. – Como eu falei no início, eu nunca graças a Deus tive contusão nenhuma que me deixasse afastada durante muito tempo, mas você precisa se cuidar porque senão as lesões acontecem. Eu me lembro da Leila, da Ana Flávia, da Ana Moser com o joelho. Nossa eu sofria junto com ela, chorava junto com ela porque era muita dor, muito sacrifício. Várias vezes eu joguei com dor, mas pouca. Até mesmo quando eu comecei a fazer a função de libero, muito tempo com a lombar flexionada é uma coisa que eu sinto até hoje não tem jeito porque fica muito tempo flexionada. Quando eu atacava o joelho doía, o ombro também porque é muito salto ainda mais jogadora de meio que pula, pula, pula. Era muita sobrecarga, a gente tem que saber conciliar. Várias vezes entrei na quadra com dor, várias vezes tive que tomar Voltarem pra poder voltar e com quase todo mundo é assim, mas acho que eu ainda fui uma das poucas que jogava com pouca dor. A Ana Moser só entrava na quadra com injeção de Voltarem, senão ela não conseguia jogar. Então é realmente muito sacrifício, mas é o que te falei sempre gostei e eu acho que o sacrifício que eu fiz valeu a pena.

M.T. – Havia diferença entre o voleibol masculino e o voleibol feminino na década de oitenta? Caos afirmativo quais as diferenças você destacaria?

S.L. – Foi o que eu já te falei, sempre teve essa preferência pelo masculino até mesmo pelo masculino ter conseguido esses resultados e a gente não. Eu acho que foi até uma injustiça com a nossa geração. É claro que a gente conquistou muita coisa e melhoramos com o Enio

de uma Olimpíada para outra. Aquele jogo com os Estados Unidos... Mas era aquela coisa: “Tá vendo, é o feminino, se fosse o masculino teria ganhado”. Sempre tinha essa comparação e eu acho que foi uma geração que treinou tanto, batalhou tanto, lutou tanto e que infelizmente não conseguiu nenhum resultado. Não porque o trabalho era errado, não o trabalho não era errado, o trabalho era certo, era dentro do que tinha condições da gente trabalhar. O negócio é que sempre teve essa diferença entre masculino e feminino. Mas é justo a CBV ter preferência pelo masculino por conta de resultados? Agora eu acredito que não tenha mais essa coisa porque primeiro tem dois técnicos que estão à frente: o Bernardinho no masculino e o Zé Roberto no feminino. Antes a figura dos técnicos não era tão forte assim. Por isso que a nossa geração é importante, porque ela abriu as portas, os caminhos para a consagração do voleibol e a conquista de medalhas. Eu participei das Olimpíadas de 1984, 1988 e 1996 e presenciei a diferença. As meninas de hoje podem até negar, mas fomos nós que abrimos as portas, conquistamos espaço para que elas chegassem lá. “Elas estão colhendo o que nós plantamos”. Infelizmente, a vida é assim, uns plantam, outros colhem. A gente não teve a sorte de colher, eu até tive, porque conquistei uma medalha olímpica, né? [risos]. Por isso que eu digo que eu não tenho o que reclamar da minha carreira, da minha profissão enquanto eu estive presente.

M.T. – O que representou o voleibol na década de oitenta na tua percepção em nível nacional e internacional?

S.L. – Eu sempre friso essa abertura tanto nacional, com a entrada das empresas que começaram a investir, acreditando no voleibol e hoje ele é o segundo esporte do país. O voleibol se organizou e hoje em dia não deixa a desejar porque conquistou seu espaço.

M.T. – O que a geração dos anos oitenta deixou para as gerações seguintes?

S.L. – Eu acho que tudo [risos]. De repente não vão concordar, mas eu acho que a geração dos anos oitenta deu o pontapé inicial e elas estão dando continuidade naquilo que a gente deixou. Então eu acho que deixou tudo. O fato das empresas terem entrado, o incentivo que nós recebemos como eu te falei: “O Toroca me dava tênis para treinar”. Hoje em dia você recebe material esportivo e é tanto que você pode até distribuir. Então, a entrada das empresas e o amor das pessoas pelo voleibol foram tudo. A gente deixou a cama pronta pra elas.

M.T. – Quando você parou de jogar em qual clube e por qual motivo Sandra?

S.L. – Eu parei de jogar em dois mil pelo Vasco e parei porque no Rio não tinha mais equipes, ou era o Vasco ou era o Flamengo e pra eu continuar jogando eu teria que sair do Rio de Janeiro e como eu estava com bebê de meses em casa eu botei na minha cabeça que era a hora de eu parar. Achei que já tinha dado tudo que podia para o voleibol brasileiro. De repente poderia continuar mais um pouco, mas eu acho que o que eu tinha que dar eu já tinha dado então por isso eu resolvi parar.

M.T. – E como foi a decisão de parar de jogar?

S.L. – Foi difícil, mas eu parei com quarenta anos e por eu ter parado tão tarde foi depois que eu coloquei na cabeça: “Eu vou querer jogar até aonde der”. Eu vou ter filho mais tarde pra poder ter dedicação pra poder viajar com tranquilidade sem ter que me preocupar, porque adulto a gente se vira, mas com bebê, com uma criança em casa já fica mais difícil. Tem algumas coisas que me marcaram como o caso da Virna que quando teve o Vitor, o primeiro filho dela a gente passou cinquenta dias fora do Brasil e numa dessas viagens nossas quando a gente voltou o filho dela estava com o marido esperando no aeroporto e ela chorava a viagem inteira com saudades e quando ela chegou ao aeroporto o menino simplesmente tipo não reconheceu não queria ir pra ela e ela chorava mais do que nunca. Aquilo foi uma coisa que me marcou e eu falei: “Não quero isso pra mim”. Então, eu acho que parei na hora certa, por um bom motivo. Claro que tenho saudade, aquela vontade, mas não me arrependo. Tenho saudade porque eu joguei minha vida inteira e tenho a sensação de dever cumprido.

M.T. – E como que foi a transição a partir do momento que você decidiu até efetivamente parar de jogar?

S.L. – Não, eu não vinha pensando não, eu acho que tudo aconteceu porque Deus foi muito bom comigo. As coisas aconteceram assim, eu não planejei. O Caio nasceu e ficava em casa com a babá, numa estrutura muito boa e eu saía para trabalhar tranquila, mas calhou com o problema do Vasco e a falta de times no Rio. Essa conjunção de fatores me desanimou. Eu nunca anunciei. Como não teve time no ano seguinte no Rio eu perdi o interesse e parei. Não

teve nenhuma preparação e eu nem sofri tanto porque me dediquei ao papel de mãe. Acabou um ciclo e começou outro.

M.T. – E você sente saudades da época em que jogava?

S.L. – Sinto. Não vou dizer que não sinto porque eu estaria mentindo. Sinto mas tem a sensação do dever cumprido e eu joguei até onde deu. Eu até poderia ter jogado mais dois ou três anos, mas seria difícil porque o líbero precisa de velocidade, agilidade e eu ainda tinha, mas será que teria por muito mais tempo? Eu sinto saudade sim, mas é uma saudade boa. Hoje, de vez em quando eu assisto, mas não fico na frente da televisão: “Hoje tem jogo de vôlei?”. Eu não tenho essa.

M.T. – E o que mudou na tua vida depois de você ter parado de jogar?

S.L. – É outra vida, né? É outra vida. Depois que eu parei de jogar eu comecei outra fase na minha vida que foi ser mãe, então eu me envolvi naquilo de ser mãe e eu não senti assim muita perda porque logo me envolvi com outra coisa também prazerosa. A rotina de jogadora de vôlei é uma rotina difícil é uma rotina que a gente abre mão de tudo, é aniversário, é final de ano, às vezes a gente não tem carnaval porque a gente tem só dois dias, nos outros dias estamos dentro do ginásio treinando. Então a diferença é essa, que você pode curtir essas coisas que você não conseguia curtir, eu posso ir pras coisas que antigamente eu não podia. Eu tinha que dormir cedo porque tinha treino no dia seguinte. Hoje eu posso dormir tarde. Essa mudança na rotina é forte. Um atleta de voleibol de alto nível precisa se dedicar muito tem que abrir mão de muita coisa.

M.T. – Em qual momento da sua vida você foi mais feliz enquanto jogava ou depois de ter parado de jogar?

S.L. – Eu fui feliz nos dois momentos. Enquanto eu joguei fui muito feliz e agora que estou nessa outra fase da minha vida eu também sou muito feliz porque eu tenho meus filhos ai perfeitos e eu gosto de ser mãe, eu sou uma super mãe. São fases diferentes e eu fui e sou feliz nas duas fases.

M.T. – E você trabalhou profissionalmente com o voleibol depois de ter parado de jogar?

S.L. – Estou trabalhando agora. Eu fiquei um tempo sem fazer nada só cuidando realmente das crianças porque depois do Caio, após três anos veio o Patrick e se eu ainda tinha alguma intenção de voltar a jogar quando eu engravidei do Patrick eu falei: “Agora é que eu não tenho mesmo” [risos]. Então, eu fiquei um tempo parada me dedicando mesmo aos meninos. Depois que o Patrick cresceu já mais um pouquinho foi quando eu sai do Rio e vim morar aqui em Teresópolis. Quando eu cheguei aqui em Teresópolis o Patrick tinha dois anos e ele está com onze anos agora, então quando ele cresceu um pouquinho eu falei “bem, acho que agora é hora de eu começar a investir no que eu gosto de fazer que é trabalhar com crianças”. Eu estou como treinadora da equipe de másteres lá em Saquarema porque me pediram, mas o meu foco são as crianças. Então eu tenho ai escolas que eu dou aula, em duas escolas particulares de Teresópolis e tem um projeto social também, que são dois núcleos: um núcleo com a idade de quinze a dezoito anos e o outro núcleo com a idade de oito a quatorze anos. Então é nisso que eu estou trabalhando.

M.T. – E o que o voleibol significa pra você Sandra?

S.L. – Olha se eu cheguei aonde eu cheguei e se eu sou quem eu sou eu devo muito ao voleibol porque ele me ensinou tudo, a disciplina, a minha vida... Eu comecei jogando aos sete anos, então tudo que eu conquistei como eu sou a pessoa que eu sou, eu aprendi tudo dentro do voleibol e isso eu tenho que passar pra todo mundo, pros meus alunos, pros meus filhos, pros meus amigos. A humildade, a disciplina, a responsabilidade, o compromisso. Claro que a minha família me educou dessa maneira porque eu sei que a minha família educou todos os meus irmãos desse jeito e é uma família que funciona dessa maneira, todo mundo com respeito, todo mundo gostando muito um do outro, ajudando sempre um ao outro porque eu acho que a gente está nesse mundo pra isso. A gente não vai ajudar querendo nada em troca, se tiver que ajudar é na hora. Então eu acho que o voleibol junto com a minha família me levou pra esse lado. Se eu consegui ser vitoriosa na minha carreira e ser vitoriosa na minha vida particular é porque eu devo a minha família e ao voleibol.

M.T. – Qual o principal legado que ele deixou pra tua vida?

S.L. – Ser a pessoa que eu sou, que respeita as pessoas. Eu posso dizer que o voleibol me deixou tudo, posso dizer que a Sandra que eu sou hoje em dia eu devo ao voleibol.

M.T. – E pra encerrar Sandra eu gostaria de saber se você gostaria de deixar algum comentário sobre o assunto abordado nessa entrevista?

S.L. – Foi uma entrevista maravilhosa porque faz você reviver a sua vida inteira e deixar para as pessoas porque eu tenho certeza que várias pessoas vão ler, quem foi essa geração dos anos oitenta e dizer que você está de parabéns pela sua entrevista [risos].

[FINAL DA ENTREVISTA]